

Cooperação Brasil-EUA é fundamental para a conservação global das florestas (comentário)

por [John Reid](#) e [Paulo Moutinho](#) em 9 de fevereiro de 2023

- *Na sexta-feira, o presidente brasileiro Lula visita o presidente Biden em Washington, DC, para discutir temas como a adesão dos EUA ao Fundo Amazônia multilateral, que visa combater o desmatamento no Brasil: um compromisso pode ser anunciado durante a reunião.*
- *No início dos anos 2000, o então presidente Lula desacelerou o desmatamento da Amazônia, designando 60 milhões de acres de novas áreas protegidas e territórios indígenas, montando operações anti-desmatamento e cortando o crédito agrícola para proprietários de terras que destruíram florestas ilegalmente.*
- *A adesão dos EUA ao Fundo Amazônia seria muito importante, mas uma parceria genuína é mais do que dinheiro, argumenta um novo artigo de opinião: "Os EUA e o Brasil devem compartilhar sua ciência, tecnologia e dados de ponta para monitorar florestas. Ambos os lados têm agências espaciais de classe mundial e inovações para rastrear e gerenciar o uso da terra", escrevem eles.*
- *Este post é um comentário. As opiniões expressas são dos autores, não necessariamente da Mongabay.*

Dois dias após o aniversário de dois anos do motim de 6 de janeiro no Capitólio dos Estados Unidos, um caos imitador [estourou](#) na própria capital do Brasil, Brasília. Naquele domingo, o recém-empossado presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva estava visitando a cidade de Araraquara, devastada pela enchente, quando soube da [destruição que se desenrolava](#) dentro do Congresso Brasileiro, do Supremo Tribunal Federal e do Palácio Presidencial. Ele [foi à TV](#) condenar os "fascistas" que esperavam reverter a eleição brasileira.

Indiscutivelmente, o momento mais apaixonado de seu discurso foi quase totalmente esquecido na imprensa internacional: Lula ligou as enchentes locais aos tumultos da capital por meio de mudanças climáticas, ganância e autoritarismo, e condenou o corte de florestas primárias com uma veemência raramente ouvida dos chefes de estado.

"Quando as pessoas acreditam que a mudança climática é um assunto menor, quando pensam que é coisa de estudantes, que é uma causa de esquerda, que é uma preocupação do Partido Verde, não! O clima está mudando por causa da irresponsabilidade do ser humano", declarou o presidente, sugerindo que destruidores de florestas estavam entre os manifestantes. "Um cidadão particular não tem o direito de cortar uma árvore de 300 anos na Amazônia que pertence a cada um dos 215 milhões de brasileiros, só para ganhar algum dinheiro."



Líder indígena Tingui-Botó abençoando o então candidato presidencial Luiz Inácio Lula da Silva em um ritual durante uma reunião de grupos indígenas em abril de 2022 na capital, Brasília. Imagem cortesia de scarlettrphoto via APIB

As palavras de Lula nos lembram que os EUA e o Brasil têm mais do que teorias da conspiração e motins em comum. Temos grandes responsabilidades, habilidades e aparente prontidão para salvar nosso planeta. E temos os próximos dois anos - com Lula e Joe Biden no cargo - para fazer isso.

Os 10 anos mais quentes da Terra [ocorreram desde 2010](#) em meio a uma crise simultânea de biodiversidade. As populações de animais selvagens [diminuíram em média 69%](#) nos últimos 50 anos. O Brasil é crucial para resolver essas crises interligadas porque detém 65% da Amazônia, a maior, mais diversa e intacta floresta tropical do mundo. A Amazônia brasileira [armazena cerca de 42 bilhões de toneladas de carbono](#), o equivalente a quatro décadas de emissões globais de carbono.

No início dos anos 2000, o Brasil de Lula mostrou ao mundo como parar o desmatamento. O país designou 60 milhões de acres de novas áreas protegidas e territórios indígenas, uma extensão do tamanho do Oregon. Eles montaram operações agressivas de aplicação da lei e cortaram o crédito agrícola aos proprietários de terras que desmataram ilegalmente. Essas e outras medidas [reduziram o desmatamento em 80%](#) entre 2004 e 2012.

Essa tendência vacilou nas administrações subsequentes. Desmatamento, mineração ilegal e ataques a líderes ambientais e indígenas aumentaram, depois dispararam; Jair Bolsonaro presidiu um [salto de 60% no desmatamento e um aumento de 90% na mineração ilegal de ouro](#). [Conflitos](#) sociais e violência acompanharam o saque da floresta.

Isto é o que o Brasil precisa fazer agora: o país tem 124 milhões de acres de floresta pública [cujo uso nunca foi decidido](#). Essas áreas [são visadas e desmatadas por grileiros](#). As florestas públicas devem ser designadas como unidades de conservação e terras indígenas. Outros 49 milhões de acres podem ser mantidos intactos [ajudando pequenos proprietários de terra a produzir mais](#) em áreas já desmatadas. Grandes proprietários de terras podem ser [encorajados a manter outros 42 milhões de acres](#) por meio de incentivos econômicos.

Os povos indígenas controlam oficialmente 23% da Amazônia brasileira e atingem os [menores índices de perda florestal](#). O governo de Lula, com seu novo Ministério dos Povos Indígenas, [anunciou imediatamente a aprovação final de 13 territórios](#) congelados sob Bolsonaro. Ele precisa resolver o [acúmulo de mais de 228 reivindicações adicionais de terras indígenas](#), que totalizam mais de 23 milhões de acres. E o Brasil deve retomar sua antiga proteção exemplar de seus povos indígenas “isolados”, [mais de 100 grupos](#) (29 oficialmente reconhecidos) que vivem nas partes mais intactas da floresta tropical brasileira.

Veja matéria relacionada: [Estudo mostra que derrubar a Amazônia não gera prosperidade para a maioria dos brasileiros](#)



Pesquisadores descobriram recentemente a árvore mais alta da Amazônia: ela fica na Floresta Estadual do Paru e tem 88,5 metros de altura: é uma das várias gigantes que crescem ali e estão ameaçadas com a aproximação do desmatamento ilegal. Imagem cortesia de Havita Rigamonti/Imazon/Ideflor.

Finalmente, o novo governo não deve desfazer todo esse progresso abrindo novas estradas e represas na floresta.

Os EUA deveriam ajudar a financiar a conservação da Amazônia. O bem-estar global depende de uma Amazônia protegida. Alguns governos ricos intensificaram a ação, liderados pela Noruega, que doou US\$ 1 bilhão para o Fundo Amazônia Brasileira no início dos anos 2000. Os EUA, com uma economia 48 vezes maior que a da Noruega, [doaram muito menos](#).

Os EUA devem se juntar à Noruega, Alemanha e outros no apoio ao Fundo Amazônia, que baseia seus desembolsos em reduções comprovadas de emissões. Os Estados Unidos devem simultaneamente apoiar [fundos emergentes liderados por indígenas](#), iniciativas estaduais e trabalhos de conservação florestal nos países andinos, que detêm a maior parte das cabeceiras do Amazonas. Por fim, é fundamental que os recursos continuem fluindo para organizações não governamentais, movimentos sociais e organizações indígenas brasileiras, que defendem a floresta nos bons e maus momentos políticos. Graças a eles ainda há algo a proteger.

Uma parceria genuína é mais do que dinheiro. Os EUA e o Brasil devem compartilhar sua ciência, tecnologia e dados de ponta para monitorar florestas. Ambos os lados têm agências espaciais de classe mundial e inovações para rastrear e gerenciar o uso da terra.



A Floresta Nacional de Tongass está cheia de árvores gigantes e pedras enormes. Imagem de Joan Maloof/Rede de florestas antigas.

Depois, há a questão da credibilidade. Um refrão comum na extrema-direita brasileira é que os governos doadores estrangeiros sem florestas querem “comprar a Amazônia”. Os EUA, que têm a quarta maior área florestal do mundo e a segunda maior emissão de gases de efeito estufa, precisam colocar sua própria casa em ordem.

O governo Biden deu os primeiros passos positivos para reduzir as emissões de transporte e usinas de energia por meio de [legislação](#). Também [reverteu o movimento da era Trump de construir estradas em Tongass](#), a maior e mais intacta floresta nacional do país, protegendo efetivamente 9 milhões de acres. O governo [lançou a campanha America the Beautiful](#), uma forma de se juntar ao movimento global para proteger 30% do planeta até 2030.

Os EUA podem fazer mais: embora [as proteções sem estradas se apliquem às suas florestas nacionais](#), elas não se estendem ao Bureau of Land Management, que administra algo entre 60 e 100 milhões de acres de florestas primárias desprotegidas, de acordo com Steve Kallick, International Conservation e Diretora de Direitos Humanos do Resources Legacy Fund. Kallick observa que as terras do estado do Alasca, que totalizam 105 milhões de acres, têm outros 60-80 milhões de acres de floresta desprotegida, mas intacta. Muito disso é floresta boreal, que [fica no topo dos depósitos de carbono do solo mais profundos do mundo](#). Comunidades indígenas e atores estaduais e federais precisam se unir para proteger esses lugares.

Temos pelo menos dois anos – e esperamos muitos mais – com líderes brasileiros e americanos que entendem de democracia e estão prontos para mostrar que nossos países compartilham algo melhor do que multidões alimentadas por teorias da conspiração. Compartilhamos o propósito de administrar nosso planeta no futuro e o potencial de exemplificar a colaboração norte-sul para salvar as grandes florestas do planeta.

John Reid é coautor com Thomas Lovejoy de [Ever Green: Saving Big Forests to Save the Planet](#) e Economista sênior da organização sem fins lucrativos americana Nia Tero. Paulo Moutinho é cientista sênior e cofundador do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM) em Belém, Brasil.

Imagen do banner: Rio Javari onde forma a fronteira entre o Brasil e o Peru. Foto de Rhett A. Butler para Mongabay.

Áudio relacionado do podcast da Mongabay: A eleição de Lula decidirá o destino da Amazônia? Uma discussão com o fundador e CEO da Mongabay, Rhett Butler, ouça aqui: